

REVISITANDO A ECOLEXICOGRAFIA

ECOLEXICOGRAPHY REVISITED

Davi Borges de Albuquerque *

RESUMO

O termo ‘ecolexicografia’ foi proposto primeiramente por Sarmiento (2000). A Ecolxicografia pode ser definida de duas maneiras: uma ciência que, formada a partir das duas áreas supracitadas existentes no próprio termo (Ecolinguística e Lexicografia), busca apresentar teorias e metodologia próprias para a elaboração de obras ecolxicográficas; uma técnica que fornece elementos para a elaboração e análises macroestruturais e microestruturais. Esta disciplina não trata da elaboração de dicionário de Ecologia ou de termos ecológicos, mas de um trabalho de reflexão e elaboração dos verbetes dos dicionários pensando nos efeitos e resultados que cada lexema traz aos indivíduos (espécie interagindo dentro do ecossistema) e para o planeta (o ecossistema), além de trazer definições e abonações que estejam mais em acordo com a visão ecológica de mundo, mas tudo isso sem perder de vista o uso da língua. De acordo com o que foi exposto, o presente trabalho visa ampliar teórica e metodologicamente a proposta ecolxicográfica original, por meio da discussão de conceitos da linguística ecossistêmica e suas possíveis contribuições à ecolxicografia e apresentar subsídios para uma Metaecolxicografia. Como um dos resultados, o que se busca é fazer um apelo aos ecolinguistas, que parecem ter esquecido, ou ao menos negligenciado, esta área da Ecolinguística, enfatizando os benefícios que podem vir do trabalho ecolxicográfico tanto para a comunidade científica, como para a comunidade escolar.

Palavras-chave: Ecolinguística. Ecolxicografia. Lexicografia. Linguística ecossistêmica.

ABSTRACT

Ecolxicography was coined and first proposed by Sarmiento (2000). It can be defined in two different ways: a science formed by the two abovementioned areas existing in the term itself (ecolinguistics and lexicography) which seeks to present theories and methodology proper for the elaboration of ecolxicographic works; a technique that provides elements for macrostructural and microstructural elaboration and analysis. This discipline does not deal with the elaboration of Ecology Dictionary or ecological terms, but it is a work of reflection and elaboration of the

* Doutor em Linguística. Membro do NELIM (Núcleo de Estudos em Ecolinguística e Imaginário) da UFG (Universidade Federal de Goiás) e Professor de Português da Rede Pública Estadual (SEED-SE).

articles of the dictionaries thinking about the effects and results that each lexeme brings to the individuals (species interacting within the ecosystem) and to the planet (the ecosystem), in addition it brings word definitions that are more in agreement with the ecological vision of the world. All this work is conducted without losing sight of the use of the language. According to what has been exposed, this paper aims to theoretically and methodologically broaden the original ecolexicographical proposal by discussing concepts of ecosystemic linguistics and its possible contributions to ecolexicography and to present subsidies for a metacolexicography. As one of the results, what is sought in this communication is to appeal to the ecolinguists, who seem to have forgotten or at least neglected this area of ecolinguistics, emphasizing the benefits that can come from the ecolexicographic work for both the scientific community and for education.

Keywords: *Ecolinguistics. Ecolexicography. Lexicography. Ecosystemic Linguistics.*

1 INTRODUÇÃO

O termo ‘ecolexicografia’ foi proposto primeiramente por Sarmento (2000). Da mesma maneira, o autor desenvolveu a proposta ecolexicográfica em publicações posteriores (SARMENTO, 2002, 2005), tal como forjou os termos das subáreas relacionadas, a saber ‘ecolexicologia’, ‘ecoterminologia’ e ‘ecoterminografia’ (SARMENTO, 2005, p. 92).

A Ecolexicografia pode ser definida de duas maneiras: uma ciência que, formada a partir das duas áreas relacionadas, a saber: a Ecolinguística e a Lexicografia, busca apresentar teorias e metodologia próprias para a produção de obras ecolexicográficas; uma técnica que fornece elementos para a elaboração e análises macroestruturais e microestruturais.

O objetivo do presente trabalho é apresentar a Ecolexicografia, de acordo com as ideias iniciais de Sarmento (2000, 2002, 2005), bem como uma revisão teórica atualizada, acrescentando contribuições e correções à proposta inicial. Ademais, este artigo procura situar a Ecolexicografia dentro da teoria Ecolinguística e enfatizar as contribuições que essa área pode oferecer tanto à pesquisa Ecolinguística, quanto à Linguística Geral e áreas afins. Outro objetivo é que ao apresentar esta disciplina e suas contribuições, seja possível revitalizar a Ecolexicografia, área da Ecolinguística que é esquecida por grande parte de seus praticantes, instigando os ecolinguistas e demais pesquisadores e alunos para sua prática.

Para tanto, este texto se encontra dividido da seguinte maneira: em (1), serão apontadas as relações entre a Ecolinguística e a Ecolexicografia, bem como a fundamentação desta; em (2), serão discutidos os aspectos teóricos e metodológicos da Ecolexicografia; em (3), será conduzida uma breve análise de dicionários com base na teoria ecolexicográfica; em (4), serão elaboradas as considerações finais.

2 ECOLINGUÍSTICA E ECOLEXICOGRAFIA

A Ecolexicografia parte de uma nova mentalidade que se preocupa com a vida, as relações e a manutenção de nossa e das demais espécies, bem como do planeta Terra. Assim, ela parte dos ensinamentos da Ecologia Biológica (Eugene Odum), da Ecologia Profunda (Arne Naess) e da Ecologia Social (Murray Bookchin) para elaborar uma ciência e uma técnica que têm como obje-

tivo estudar/registrar o léxico sob esses pontos de vista distintos. Desta maneira, os fundamentos filosóficos dos quais a Ecolexicografia parte para a elaboração de sua proposta teórica estão intimamente relacionados com as diferentes correntes teóricas da Ecolinguística, especialmente com a Linguística Ecosistêmica.¹

Em Sarmento (2005, p. 87), o autor enfatiza como uma das motivações do surgimento da Ecolinguística os conflitos existentes entre os discursos políticos e a organização de nossa sociedade, de um lado, com as consequências e resultados deles, de outro. Ao meu ver, com base na Ecologia Biológica, na Ecologia Profunda e na Linguística Ecosistêmica, este posicionamento do autor é um tanto radical, como será mostrado no decorrer deste texto, já que a ênfase da Ecolinguística está na vida e nas interações, assim suas origens se relacionam pouco com conflitos, lutas e problemas político-sociais.²

De maneira semelhante, a teoria ecolinguística que Sarmento (2005) mais se aproxima em relação ao seu entendimento do que é Ecolinguística, bem como na estrutura do verbete ecolexicográfico, já se distancia da Linguística Ecosistêmica e se aproxima da (eco)linguística dialética de Bang e Døør (2007), ao enfatizar tanto as questões de conflito (discurso político, burocratização, corrupção, poluição, destruição), quanto o marxismo (luta de classes, dialética marxista, materialismo histórico).

Desse modo, a Ecolexicografia procura contribuir com: a crítica da língua “tanto em termos do par, língua e meio ambiente, bem como de uma crítica ao sistema interno da língua” (SARMENTO, 2005, p. 89), o Ecoletramento (ou Ecoliteracia); expansão da teoria ecolinguística. Com isso, vários temas teóricos e práticos estão relacionados com essa área, entre eles: revitalização linguística e línguas ameaçadas; política linguística (preconceito, planejamento, imperialismo etc.); língua e paz; Ecolinguística e ensino; ecologização de línguas; as mentalidades dos falantes; a Declaração dos Direitos Linguísticos (SARMENTO, 2005, p. 90).

Digno de nota é que as ideias de onde parte a Ecolexicografia e as áreas que ela procura contribuir estão em acordo com as diferentes vertentes teóricas da Ecolinguística, como a Linguística Ecosistêmica e a Ecolinguística Dialética, já mencionadas, mas também a Linguística Ecocrítica e a Linguística Ambiental.

3 A PROPOSTA DA ECOLEXICOGRAFIA

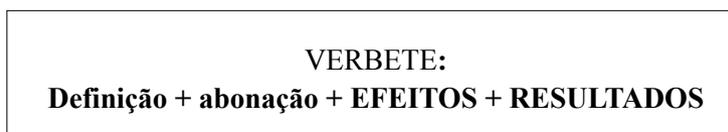
Sarmento (2002, 2005) lista seis proposições e uma série de perguntas que a Ecolexicografia procura responder e que serão discutidas abaixo.

A Ecolexicografia não trata da elaboração de dicionário de Ecologia ou de termos ecológicos, mas de um trabalho de reflexão e elaboração dos verbetes dos dicionários pensando nos efeitos e resultados que cada lexema traz aos indivíduos (espécie interagindo dentro do ecossistema) e para o planeta (o ecossistema), além de trazer definições e abonações que estejam mais em acordo com a Visão Ecológica de Mundo (VEM), mas tudo isso sem perder de vista o uso da língua, já que o dicionário é uma descrição e instrumentalização da língua (AUROUX, 1992), por isso a importância do emprego da ‘ecolinguagem’ na redação das definições (1ª proposição).

¹ Sobre Linguística Ecosistêmica, ver Couto (2013, 2015, 2016).

² Para uma discussão mais detalhada a respeito da incompatibilidade da Visão Ecológica de Mundo (VEM) com qualquer tipo de conflito, ver Couto (2013) e Couto e Albuquerque (2015).

Figura 1 – Microestrutura do verbete ecoléxico-gráfico



Fonte: Adaptada de Sarmiento (2005, p. 91).

Digno de nota é que ao explicar a Ecoléxico-grafia e a microestrutura do verbete (Fig. 1), Sarmiento (2005, p. 90) afirma que ambos são “uma reflexão e um labor que demandam a utopia sobre a qual venho falando”. É necessário enfatizar que da maneira que o autor expõe, o pensamento ecológico, bem como sua adoção, é uma utopia, sendo que tal afirmação é incorreta, já que com a VEM as ciências e o ensino ‘ecologicamente sensíveis’ estão modificando o pensamento e as práticas da população mundial, mesmo que paulatinamente, o que faz com que se observe mudanças em andamento e não um objetivo inalcançável.

A principal contribuição da Ecoléxico-grafia à Lexicografia é a estrutura do verbete ecoléxico-gráfico (Fig. 1). A definição em ecoléxico-grafia é de natureza mista, que faz uso das informações da definição lexicográfica somadas às da definição enciclopédica.³ Sarmiento apenas menciona as abonações, mas não as explica. Assim, minha contribuição aqui é apresentar uma sugestão ecoléxico-gráfica das abonações. Sugiro fazer uso de exemplos inventados, quando o ecoléxico-grafo é falante da língua materna, somados a abonações retiradas de diferentes *corpora* para que possa haver uma comparação entre os diferentes usos e significados.⁴ Sobre os ‘efeitos’, Sarmiento (2005) lista cinco principais e suas respectivas siglas para ser empregue no verbete, que são eles: criativo (EC), mantenedor (EM), fortalecedor (EF), enfraquecedor (EE) e destrutivo (ED). Assim, cabe ao ecoléxico-grafo descrever os efeitos que o emprego daquela ideia ou a prática dela têm nos indivíduos e no mundo:

- *Praga*: EE e ED, nome dado a seres vivos das famílias *insecta* ou gramínea. Os efeitos são enfraquecedores e destrutivos simplesmente pelo fato de apontar as várias espécies somente como más e predadoras, o que possibilita sua matança que, algumas vezes, causa desequilíbrio no ecossistema.

Já os ‘resultados’ cabe ao ecoléxico-grafo pensar o lexema de diferentes maneiras e suas consequências: como é analisado mentalmente pelos falantes; quais seus usos; quais usos poderia ter; quais relações com outros lexemas, ideias e práticas. Assim, as ferramentas de que dispõe são as seguintes:

- A lógica formal e seu binário de opostos (ex. *biodiversidade x extinção; heterogeneidade x homogeneidade*);
- A dialética e o ternário de confluências (ex. *lixo > poluição, contaminação > reciclagem, compostagem, benefícios (ao meio ambiente); morte > malefícios, dor > natureza (morte natural), ciclos, alimento, vida*);

³ Sobre os diferentes tipos de definição, entre eles ‘definição mista’, que este trabalho emprega e sugere, ver Lehmann e Martin-Berthet (1998) e Pontes (2009).

⁴ Para diferenciação entre tipos de exemplos e abonação que foi empregado neste trabalho, ver Humblé (2001), Welker (2004) e Svénson (2009).

- Gradiente e as escalas, continua e tipos;
- Dialogismo.

Desta maneira, a Ecolexicografia não se relaciona diretamente com a Terminologia e a Terminografia, ou seja, a Ecolexicografia está para a Ecoterminografia do mesmo modo que a Lexicografia está para a Terminografia (2ª proposição).

Vale lembrar que o radical *eco-* é delimitado, estando relacionado com a ecologia biológica e, conseqüentemente, com a lógica e os efeitos (3ª proposição). Isso é importante ser apontado pelo fato desse radical não estar sendo empregado de maneira aleatória, ideológica ou politicamente correta, sendo que tal definição está em acordo com a própria estrutura do verbete da proposta ecolexicográfica, que foi mencionada acima (Fig. 1). Assim, é possível apontar oposições formais (boas x más) e dialógicas, tais como efeitos nocivos, perniciosos etc., não focando apenas no lado bom ou utópico do elemento ecológico (4ª proposição).

A terceira proposição é importante pelo fato de deixar claro o significado de *eco-* dentro das disciplinas ecológicas, especificamente na Ecolexicografia e na Ecolinguística, pois tal radical não é empregado da maneira informal ou político-ideológica, como vem sendo utilizado na atualidade, com significados apenas de estilo de vida (alternativo, hippie), hábitos alimentares (vegano, vegetariano), protestos específicos (contra casacos de pele, contra caça etc.).

Ademais, a Ecolexicografia não descarta todos os avanços alcançados pela lexicografia, ao contrário, ela visa contribuir com esta, principalmente na microestrutura, já que oferece subsídios para se repensar a estrutura dos verbetes, com novas ideias e elementos, da mesma maneira que aponta novos usos para o dicionário em sala de aula (ensino mais holístico e menos antropocêntrico; apresentar uma nova maneira de pensar e agir, a VEM; Ecoletramento etc.) e fornece novas ferramentas para metalexicógrafos realizarem suas análises (5ª proposição).

Finalmente, a última proposição da Ecolexicografia (6ª proposição) afirma que ela, como uma disciplina que tem suas origens na Lexicografia e na Ecolinguística, mantém e expande as relações com as demais áreas que possuem algum interesse compartilhado com a Lexicografia, a saber: Linguística Computacional, Linguística de *corpus* e Linguística Aplicada (DURAN; XATARA, 2007).

Uma dessas interfaces importantes para a Ecolexicografia é com a linguística de *corpus*, já que entre as tantas contribuições que esta pode apresentar estão: a seleção das entradas em que se aplicam os conceitos ecológicos/ecolexicográficos e daquelas em que não se aplicam (ex. *alistar*, *disco*, *fajuto* etc. nestas unidades lexicais não é possível aplicar a estrutura do verbete acima nem as ideias ecolexicográficas, enquanto em *animal*, *cria*, *inseminação*, *solo* etc. o verbete ecolexicográfico se aplica, pois é possível fazer uso tanto das contribuições da lexicografia tradicional e pedagógica, como inserir os conceitos ecológicos); na diferenciação entre *corpora* de língua falada ou de registros específicos, que podem trazer informações semânticas e de uso distintos, mas que não estão em consonância com a VEM e a EP, ou que o falante desconhece os efeitos e resultados para si, para o Outro e para o planeta (ex. *praga*, este mesmo lexema é empregado na mídia como algo ruim e que deve ser eliminado; em um dicionário científico, como um eufemismo ou para esconder os fatos relacionados à destruição dos seres vivos e do meio ambiente; na fala espontânea é utilizado como um xingamento).

Outra área de interface da Ecolexicografia é a pragmática e, desta maneira, diferencia-se da lexicografia, já que naquela a tarefa do ecolexicógrafo, além de “observar, descrever e explicar palavras e expressões vistas a partir do viés eco”, é de “tomar posição sobre os efeitos e resultados lógicos que elas desempenham. Ou seja, estamos trabalhando não apenas com o significado de palavras e expressões, mas a questão dos seus usos [...]” (SARMENTO, 2005, p. 93).

Essa interface com a pragmática leva às principais questões que a Ecolexicografia como uma ciência procura responder. Além dos significados e usos, visa apontar os efeitos que uma palavra tem nas pessoas e no mundo, ou seja, como a língua afeta o ecossistema de acordo com o emprego e o dizer do falante. Isto já foi apontado anteriormente por Halliday (2001) como um tópico importante e presente na Ecolinguística, que seria a oposição ‘holismo x fragmentação’, o primeiro sendo elementos ecológicos e o segundo, não ecológicos do sistema linguístico. Assim, a principal questão da Ecolexicografia é:

- Qual o papel das palavras no nosso Mundo, bem como: Como uma palavra pode criar, manter ou destruir um Mundo?⁵ (SARMENTO, 2005, p. 94).

Daí, elencam-se várias indagações que devem ser investigadas e que a Ecolexicografia procura responder:

- Como encontrar os elementos ecológicos e não ecológicos nas línguas?
- A língua influencia a visão de mundo, ou vice-versa?
- Como medir as influências da língua sobre a visão de mundo? E da visão de mundo sobre a língua?

Digno de nota é que pesquisa em Ecolexicografia a respeito desses aspectos citados está apenas em estágio inicial. Por isso, Fill (2001) enfatiza que uma das tarefas da Ecolinguística para o século XXI é exatamente investigar essas relações entre língua e meio ambiente, e língua e visão de mundo.⁶ Numa publicação mais recente, ainda sobre o mesmo tópico, as perspectivas da pesquisa ecolinguística para o futuro, Fill e Penz (2017, p. 441-442) chamam atenção que nos últimos anos os níveis de análise linguística (sintaxe, semântica, pragmática) não estão em primeiro plano para os ecolinguistas, destacando-se principalmente o discurso, porém não se deve descartá-los, já que os problemas ambientais podem ser descritos, criados, agravados e solucionados por meio da análise do discurso e, assim, pode-se fazer uso nesta daqueles níveis de análise, sendo que a compreensão e solução dos problemas ambientais é uma das três perspectivas da Ecolinguística para os anos que virão (FILL; PENZ, 2017, p. 441).

Para se manter a discussão desses problemas somente no campo da Ecolexicografia, e não se expandir para a Ecolinguística, Sarmiento (2005) propõe questionamentos a respeito de ecopalavras e ecoexpressões, que seriam aquelas que trariam benefícios ao falante e ao ecossistema quando empregadas ou praticadas, em contrastes com palavras e expressões que seriam não ecológicas. Aqui, novamente, insiro uma discussão e contribuição minha, já que Sarmiento não define o que seriam as palavras/expressões, bem como não diferencia o que seria não ecológico do an-

⁵ A palavra ‘mundo’, neste trabalho, é utilizada como sinônimo de ‘ecossistema’.

⁶ Em pesquisas conduzidas por Chawla (1991), Goatly (1996), Fill (2001) e Halliday (2001 [1990]), é enumerada uma série de elementos não ecológicos, que levam à fragmentação, presentes no sistema linguístico: separação entre humanos, animais e plantas; a causalidade, que pressupõe controle e superioridade; o sistema pronominal; a marcação de posse; expressões temporais e marcação das categorias TMA. Essa fragmentação consiste no fato de ocorrer a separação em vários níveis distintos entre o homem e o meio ambiente, tanto na língua, como na visão de mundo: humano x animais, humano x seres inanimados, coisas úteis para o ser humano x coisas não úteis. Além disso, tais separações são consideradas antropocentrismo linguístico (FILL, 2001, p. 67) e devem ser analisadas com cuidado, tanto pelo fato de a língua ser uma construção humana (refletindo os limites e possibilidades de nossa cognição), quanto pelo sistema linguístico, sendo como uma memória dos estágios anteriores da língua (HALLIDAY, 2001 [1990]), apresentar certos elementos não ecológicos como possíveis frutos de uma adaptação já realizada, ou em andamento, da gramática a alguma modificação no meio ambiente, ou até a um novo meio ambiente.

tiológico, assim considero importante definir e delimitar tais palavras/expressões. Desta forma, há as palavras/expressões não ecológicas, as quais as características ecológicas não se aplicam, e antiecológicas, as quais trazem malefícios ou prejudicam uma espécie ou o ecossistema. Partindo destas definições, temos os seguintes questionamentos:

- Como pode uma palavra ecologizar uma língua ou ser um elemento ecológico nela?
- Uma ecopalavra, ou várias delas, podem contribuir para o ecoletramento e mudança ou formação de uma nova visão de mundo, a VEM?
- Quais funções uma ecopalavra possui no ecossistema? E qual poder ela tem de alterá-lo para melhor ou pior?

Outrossim, a Ecolexicografia procura levantar questões sobre o lugar e o papel do ecolexicógrafo e de seu trabalho, visando responder às seguintes perguntas:

- Como se pode contribuir para promover as ecopalavras?
- Como deve proceder o ecolexicógrafo diante de palavras anti e não ecológicas?
- Qual deve ser o posicionamento do ecolexicógrafo em relação às palavras anti e não ecológicas (descritivo, normativo, reflexivo, analítico etc.)?

Vale lembrar que alguns ecolinguistas vêm desenvolvendo pesquisas sobre o emprego do léxico e mudanças semânticas relativos à temática ecológica, especialmente nas áreas de Análise do Discurso Ecológica, Análise do Discurso Ambiental e da Linguística Ecocrítica, destacando-se os estudos dos discursos midiáticos e ecológicos, como em Harré, Brockmaier e Mühlhäusler (1999), Alexander (2009), Stibbe (2012, 2015), entre outros, e do emprego/seleção lexical, terminológica e gramatical, como em Chawla (1991), Goatly (1996, 2017), Ferreira (2000, 2002), Halliday (2001). Há também as seguintes coletâneas com diversos artigos que abordam de alguma maneira contribuições ecolinguísticas que versam sobre dicionários ou emprego de palavras: Kettemann e Penz (2000), Fill e Mühlhäusler (2001), Fill, Penz e Trampe (2002) e Fill e Penz (2017). Recentemente, Albuquerque (2018) dá continuidade à revitalização da Ecolexicografia, apresentando contribuições desta à Lexicografia Pedagógica e analisando dicionários escolares.

Ademais, os trabalhos de Wilhelm Trampe são de interesse também pelo fato de o autor ter focado sua pesquisa, no decorrer de décadas⁷ nas estratégias de ‘eufemização’ em diferentes gêneros textuais, principalmente dicionários, tanto para o mundo anglófono, como germanófono. Digno de nota é Trampe (2001), em que é feita uma análise dos dicionários de agronomia. Neste trabalho, o autor observou em seus dados quatro tendências que os lexicógrafos costumam empregar quando tratam de lexemas biológicos e ecológicos (TRAMPE, 2001, p. 238):

- Reificação, tratamento de certos seres vivos como coisas (bens de produção ou consumo), ex. ‘boi/vaca’ é uma mercadoria, a inseminação ocorre no ‘recipiente’ e não na ‘vaca’;
- Emprego de eufemismo⁸ (e outros mecanismos linguísticos) para esconder certos fatos que podem ser encarados como violentos para o consumidor ou público em geral, ex.

⁷ Para uma bibliografia das pesquisas de Trampe sobre o eufemismo, ver Trampe (2017, p. 325).

⁸ Em Trampe (2017), há uma análise ecolinguística do emprego do eufemismo e das estratégias de eufemização, sendo elas: utilidade, reificação e emprego/criação de tabus.

- ‘pesticida’ é substituído por ‘instrumento de proteção para a plantação’; ‘remédios’, ‘vacinas’ e ‘químicas’ administradas aos animais são referidos como ‘coquetéis’;
- Difamação da agricultura tradicional/de subsistência por meio de rótulos ou mentiras, como: ‘improdutiva’, ‘dispendiosa’ etc.;
 - Emprego de slogans e elementos fraseológicos para convencer a população que a destruição do ecossistema é algo natural/inevitável ou até mesmo para disfarçar tal destruição, afirmando-a como algo bom, ex. ‘bom para natureza, bom para todos’, ‘criar mais riqueza para todos’.

Essas quatro tendências também servem como um subsídio metodológico para a análise de dicionários e da linguagem empregada pelos lexicógrafos, pois caso estes a mantenham, acabam por corroborar e reafirmar a linguagem antiecológica da visão econômica de mundo que é fragmentada, afastando cada vez mais o ser humano das demais espécies e da natureza.

Diante do exposto, percebe-se que a Ecolxicografia possui ligações com as demais áreas da Ecolinguística, bem como já vinha sendo praticada por outros ecolinguistas, porém ora não sendo enfatizado o estudo léxico ou de dicionários, ora se tratando de um estudo ecolxicográfico apenas com uma metodologia distinta e sem mencionar o nome desta nova disciplina.

4 ANÁLISE DE UM VERBETE À LUZ DA ECOLEXICOGRAFIA

Nesta seção, serão analisadas três obras lexicográficas, especificamente dicionários escolares, à luz da Ecolxicografia, a saber: *Mini Aurélio* (FERREIRA, 2010), *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa* (SACCONI, 2001) e *Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa* (ROSA, 1998).

Estas publicações não foram selecionadas aleatoriamente, mas procurou-se seguir os critérios: reputação do dicionário/editora, por isso a escolha do *Mini Aurélio*; relevância para as necessidades, com a divisão entre avançado (*Dicionário Essencial da Língua Portuguesa*), avançado-intermediário (*Mini Aurélio*) e iniciante (*Mini Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*);⁹ número de entradas lexicais. Esses critérios tratam-se de uma adaptação daqueles elencados por Hartmann (1999).

Ademais, por limitações de espaço, foi escolhido apenas um lexema para ser analisado, sendo empregada aqui a (meta)ecolxicografia como uma técnica para se estudar microestrutura do verbete e como se configuram estes nos três dicionários. O lexema escolhido foi ‘solo’ pelo fato de ser uma palavra relacionada ao meio ambiente e à ecologia, ocorrendo com mais frequência concepções e definições antropocêntricas e não ecológicas. Assim, além de se realizar um trabalho metalexigráfico e metaecolxicográfico, ao analisar os verbetes dos dicionários, será feita uma proposta ecolxicográfica para um melhor verbete, tendo em vista as contribuições da Ecolxicografia.

Sobre a metodologia da ecolxicografia, do mesmo modo que a metodologia empregada neste trabalho, segue a proposta multimetodológica da Ecolinguística,¹⁰ fazendo uso do suporte

⁹ Doravante serão utilizadas as siglas DE-LP para *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa*, MA para *Mini Aurélio* e MDC-LP para *Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa*.

¹⁰ A multimetodologia se caracteriza pelo emprego de diferentes métodos das mais variadas ciências para se analisar o mesmo objeto de estudo, ou seja, na abordagem multimetodológica há uma reflexão a respeito da escolha dos métodos a serem utilizados para se investigar o objeto de estudo, pois eles não podem ser aleatórios, devendo existir uma relação, principalmente de complementação, entre os métodos utilizados. Sobre a multimetodologia em Ecolinguística, ver Albuquerque (2015) e Couto (2018).

da Linguística Ecológica, da Ecoléxicografia e da Lexicografia. Desta maneira, empregou-se a teoria e metodologia da lexicografia pedagógica para análise de verbetes, conforme discutida a organização da microestrutura em Welker (2004) e Pontes (2009), a proposta da Ecoléxicografia, apresentada anteriormente, na seção (1), e o suporte teórico-metodológico da Ecolinguística, apontado na seção (2). Assim, serão observados e descritos: qual o tipo de definição; a linguagem utilizada na redação da definição; se há elementos ecológicos, antropocêntricos, holísticos ou fragmentadores; se são levados em consideração os efeitos e os resultados que as ideias e/ou práticas do lexema podem ter nos indivíduos e no mundo.

Seguem os verbetes para o lexema analisado¹¹:

SOLO:

so.lo¹ [lat. *solu*] *sm.* 1. Porção sólida da superfície terrestre, onde se anda, se constrói, etc.; terra, chão. 2. Terreno, quanto a suas qualidades geológicas e produtivas.

so.lo *s.m. (o)* 1. Fina camada de superfície terrestre, constituída de rochas e partículas minerais, misturada com matéria orgânica, na qual se desenvolvem as plantas. 2. Tipo particular de terra ou chão: *solo arenoso*. 3. Chão, terra: *solo pátrio*. 4. País: *o meu solo é o maior da América do Sul*. 5. Trecho musical cantado ou executado por uma só pessoa, com ou sem acompanhamento. 6. Parte do balé dançada por um único artista. 7. A primeira viagem que o aluno de pilotagem faz sozinho, sem o auxílio do instrutor. // *adj.* 8. Feito por um só indivíduo. 9. *Música*. Diz-se da voz ou do instrumento que executa um trecho que lhe é particularmente destinado: *violão solo*.

solo *sm.* Terreno; chão; trecho musical para ser executado por uma só pessoa.

O primeiro verbe de ‘solo’, que pertence ao MA, apresenta uma visão econômica e materialista de mundo, definindo e pensando o lexema somente nas funções e benefícios que este pode trazer ao ser humano (andar, construir, qualidades produtivas). O único aspecto positivo é o de separar a homonímia na macroestrutura, diferenciando as acepções relativas à música em um segundo verbe.

De maneira distinta, DE-LP e MDC-LP optam pela polissemia, o que pode causar certa confusão no aprendiz, principalmente no verbe DE-LP que é maior e com várias acepções. Um aspecto positivo do DE-LP é que sua primeira acepção está totalmente em acordo com a proposta lexicográfica, apresentando uma definição em sintonia com a VEM, descrevendo o lexema, somando informações ecológicas, enfatizando a importância para as plantas (e não para os seres humanos). Já os pontos negativos são a presença do antropocentrismo e da fragmentação nas acepções 2 e 4, ao especificar demais o lexema e de um ponto de vista somente do ser humano. Aqui, novamente, não seria correto retirar do verbe ecoléxicográfico, mas salientar os efeitos e resultados maléficis em tal emprego do lexema. Ainda, conforme se afirmou anteriormente, pode ser aproveitado parte do verbe do DE-LP para o trabalho do ecoléxicógrafo na definição de ‘solo’, apontando os efeitos e resultados benéficos e ecológicos desta definição, porém esta deveria ser completada com a importância do ‘solo’ para toda a vida em nosso planeta, da convivência e da sobrevivência de todas as espécies, do mesmo modo de todas as interações que ocorrem entre as espécies com o solo. Esta definição estendida traria efeitos e resultados em consonância com a VEM.

¹¹ A presente análise é baseada em Albuquerque (2018). Para uma versão expandida desta e de outros lexemas, ver a mesma referência.

Finalmente, termino esta seção apresentando uma proposta de verbete ecolxicográfico para a entrada analisada acima,¹² que ficaria da seguinte maneira:

so.lo *s.m.*

(*Definição*) 1. Fina camada de superfície terrestre, constituída de rochas e partículas mineiras, misturada com matéria orgânica em que vivem e de que dependem todos os seres vivos de nosso planeta, o planeta Terra. 2. O ser humano por apresentar um domínio, interesse e óbvia afinidade com o solo formula vários outros conceitos para o solo, como: país, terreno, chão, trechos ou tipos específicos de terra, entre outros.

(*Abonação*) “A poluição do solo, ou seja, da camada superficial da crosta terrestre ocorre por diversos fatores relacionados à ocupação e exploração do meio ambiente.” “Este é o solo de nosso país.”

(*Efeitos*) EC, *criativo*, local onde plantas e animais nascem, crescem, desenvolvem-se, evoluem, morrem e de onde retiram seus respectivos alimentos e matérias primas para uso; EM, *mantenedor*, camada em que os seres encontram sustentação, segurança, abrigo e retiram seus alimentos; EE, *enfraquecedor*, uso abusivo do solo, como em monoculturas, desvio de curso d’águas para irrigação, que pode causar desertificação, e retirada em excesso de árvores e demais plantas, que pode causar, além do enfraquecimento do solo, a erosão; ED, *destrutivo*, a erosão tem relação com este efeito a depender de sua magnitude, além deste há os processos de queimada, escavações para diversos fins (extrativismo mineral e vegetal, pesquisas etc.); atividades tectônicas, como terremotos, maremotos, vulcões, entre outros, que podem ter relação ou não com o impacto negativo da atividade humana, mas seus resultados podem ser destrutivos para o próprio solo e para toda a natureza.

(*Resultados*) O solo pode ser pensado desde um binário de opostos até um ternário de confluências, já que nele verificamos sua fertilidade, o que possibilita tanto características positivas para o próprio solo, quanto para a manutenção dos seres vivos, em oposição ao solo desgastado, danificado ou destruído seja pela ação do ser humano ou pela natureza, o que pode reduzir a vida ou até mesmo extingui-la, tornando o solo inabitável (lógica formal). Numa visão dialética, percebemos que o solo ao mesmo tempo que fornece elementos para a sustentação da vida também pode causar a morte de seres vivos, porém a morte de seres vivos é necessária, pois o solo extrai os nutrientes dos cadáveres, gerando, assim, mais elementos para os demais seres vivos, ocorrendo um ciclo de nascimento, morte e manutenção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho se apresentou a Ecolxicografia que pode se tratar de uma ciência independente, mas relacionada à Ecolinguística, ou de uma técnica para elaboração de dicionários ou do trabalho de metalexigrafia. Mostrou-se também que apesar de nomeada e desenvolvida a partir de Sarmiento (2000), os ecolinguistas já se preocupavam com estudo do léxico e de dicionários, porém não deram um nome específico a tal estudo ou não o desenvolveram. Ademais, a

¹² Esta é apenas uma proposta limitada e inicial para exemplificar o verbete ecolxicográfico. Considero que em trabalhos futuros sejam pensados aspectos semióticos e multimodais deste, que não foram pensados aqui, bem como a necessidade de se estender e trabalhar mais exemplos e/ou notícias para se tornar os efeitos e os resultados mais didáticos.

ecolexicografia foi baseada numa série de pressupostos teóricos já utilizados na Ecolinguística, principalmente na (eco)Linguística Dialética e na Linguística Ecológica. Por limitações de espaço, ainda, foi elaborada uma breve análise de uma entrada em diferentes dicionários escolares seguindo a técnica ecoléxicográfica.

Há necessidade de revisitar, conforme o título deste texto, as proposições e questionamentos da Ecoléxicografia. Sobre as proposições, com o desenvolvimento das pesquisas e das publicações em Ecolinguística no Brasil, é possível afirmar que os problemas teóricos da 2ª proposição, em que poderia haver confusão com a Terminologia ou Terminografia, não são mais recorrentes aos ecolinguistas; já nas 3ª e 4ª proposições, mesmo com os trabalhos com uma visão ecológica de mundo em diferentes áreas, ainda se faz necessário esclarecer os diferentes significados que *eco-* pode apresentar e suas consequências práticas; as 5ª e 6ª proposições, além de apresentar relações com os aspectos teóricos da Ecolinguística, enfatizam a natureza multidisciplinar tanto de ambas as áreas, tanto a Ecolinguística, quanto a Ecoléxicografia. Ademais, deixei a 1ª proposição para o final pelo fato de ela ser um resumo da proposta ecoléxicográfica, expondo suas características teórico-metodológicas e suas contribuições à Lexicografia.

De maneira distinta, os questionamentos que a Ecoléxicografia levanta ainda permanecem sem respostas elaboradas. Algumas delas são abordadas indiretamente em publicações consideradas basilares da Ecolinguística, como nos capítulos existentes na coletânea de Fill e Mühlhäusler (2001), e também nas seguintes referências: Chawla (1991), Goatly (1996), Fill (2001) e Halliday (2001 [1990]). Todas elas, porém, versam apenas a respeito das questões na área de como as palavras e seus usos podem impactar o meio ambiente, a visão de mundo, entre outras, enquanto às demais não há estudos nem respostas que possam ser oferecidas. Em trabalho em vias de publicação, Albuquerque [2019] é que se dedica a responder e aplicar esses questionamentos que a Ecoléxicografia levanta, principalmente no âmbito das palavras ecológicas e não ecológicas.

Este texto procura instigar os ecolinguistas e entusiastas na pesquisa em Ecoléxicografia. Tal convite baseia-se na observação de que a Ecolinguística vem crescendo a cada ano, principalmente no Brasil, por meio da Linguística Ecológica, mas a Ecoléxicografia, apesar de ser uma área que tem muito a oferecer, foi negligenciada pela maioria dos pesquisadores e praticantes, por isso, insistiu-se nesta ‘revisita’, visando dialogar e estimular os colegas das demais áreas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. B. As contribuições da Ecoléxicografia à Lexicografia Pedagógica. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 12, n. 4, 2018.
- ALBUQUERQUE, D. B. Novas perspectivas para a Lexicografia: a Ecoléxicografia e as palavras ecológicas e não ecológicas. *Revista (Entre Parênteses)*, Alfenas, v. 8, [2019].
- ALBUQUERQUE, D. B. Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística. *Via Litterae*, Anápolis, v. 7, n. 1, p. 131-142, jan./jun. 2015.
- ALEXANDER, R. *Framing discourse on the environment: a critical discourse approach*. New York: Routledge, 2009.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: EdUnicamp, 1992.
- BANG, J. C.; DØØR, J. *Language, ecology and society: a dialectical approach*. Londres: Continuum, 2007.

- CHAWLA, S. Linguistic and philosophical roots of our environmental crisis. *Environmental Ethics*, Texas, v. 13, n. 3, p. 253-273, 1991.
- COUTO, E. K. N. N.; ALBUQUERQUE, D. Análise do discurso ecológica: fundamentação teórico-metodológica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 485-509, 2015.
- COUTO, H. H. do. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018.
- COUTO, H. H. do. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015.
- COUTO, H. H. do. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. H. et al. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016.
- COUTO, H. H. do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.
- DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. *D. E. L. T. A.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 203-222, 2007.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRA, A. C. Beitrag zu einem Hasssprachewörterbuch Deutsch-Portugiesisch. In: FILL, A.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (ed.). *Colourful Green Ideas*. Viena: Peter Lang Verlag, 2002. p. 275-298.
- FERREIRA, A. C. Não nos lixem! Eine sprachkritische Müllgeschichte (Deutsch-Portugiesisch). In: KETTEMANN, B.; PENZ, H. (ed.). *ECONstructing Language, Nature and Society: the Ecolinguistics Project Revisited. Essays in Honour of Alwin Fill*. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2000.
- FILL, A. Language and ecology: ecolinguistic perspectives for 2000 and beyond. In: GRADDOL, D. (ed.). *AILA Review 14.: Applied linguistics for the 21st century*. Londres: Catchline, 2001. p. 60-75.
- FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). *The Ecolinguistics Reader: language, ecology, and environment*. Londres: Continuum, 2001.
- FILL, A.; PENZ, H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017.
- FILL, A.; PENZ, H. Ecolinguistics in the 21st Century. In: FILL, A.; PENZ, H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 437-443.
- FILL, A.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (ed.). *Colourful Green Ideas*. Viena: Peter Lang Verlag, 2002.
- GOATLY, A. Lexicogrammar and Ecolinguistics. In: FILL, A.; PENZ, H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 227-248.
- GOATLY, A. Green grammar and grammatical metaphor, or, Language and the myth of power, or, Metaphors we die by. *Journal of Pragmatics*, Netherlands, v. 25, p. 537-560, 1996.
- HALLIDAY, M. A. K. New ways of meaning: the challenge to applied linguistics. In: FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). *The ecolinguistics reader: language, ecology, and environment*. Londres: Continuum, 2001 [1990], p. 175-202.
- HARRÉ, R.; BROCKMAIER, J.; MÜHLHÄUSLER, P. *Greenspeak: a study of environmental discourse*. London: Sage, 1999.

- HARTMANN, R. R. K. Case study: The Exeter University survey of dictionary use. In: HARTMANN, R. R. K. (ed). *Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries*. Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three. Berlin: Freie Universität Berlin, 1999. p. 36-52.
- HUMBLÉ, P. *Dictionaries and Language Learners*. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2001.
- LEHMANN, A.; MARTIN-BERTHET, F. *Introduction à la lexicologie: sémantique et morphologie*. Paris: Dunod, 1998.
- PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- ROSA, U. (coord.). *Mini Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. São Paulo: Rideel, 1998.
- SACCONI, L. A. *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa*. São Paulo: Atual, 2001.
- SARMENTO, M. S. Ecolexicography: ecological and unecological words and expressions. In: FILL, A.; PENZ, H.; TRAMPE, W. (ed.). *Colourful Green Ideas*. Viena: Peter Lang Verlag, 2002. p. 487-492.
- SARMENTO, M. S. Ecolexicography: words and expressions we should live by. In: *Österreichische Linguistiktagung 2000. 30 Jahre Sprache und Ökologie*. Graz: Graz Universität, 2000.
- SARMENTO, M. S. Por uma ecolexicografia. *Confluências*, v. 2, p. 84-97, maio 2005.
- STIBBE, A. *Animals erased: discourse, ecology, and reconnection with the natural world*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2012.
- STIBBE, A. *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*. London: Routledge, 2015.
- SVÉNSEN, B. *Handbook of Lexicography: the theory and practice of dictionary-making*. Cambridge: CUP, 2009.
- TRAMPE, W. Euphemisms for killing animals and for other forms of their use. In: FILL, A.; PENZ, H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 325-341.
- TRAMPE, W. Language and ecological crisis: extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture. In: FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). *The Ecolinguistics reader: language, ecology, and environment*. Londres: Continuum, 2001, p. 232-240.
- WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.